

## JORNALISMO E ESPAÇO: MÉTODO DE REPORTAGEM

Miriam Santini de Abreu  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)  
e Instituto Cidade e Território (ITCidades)  
[misabreu70@gmail.com](mailto:misabreu70@gmail.com)

Este ensaio aponta elementos para um método de reportagem capaz de permitir ao jornalismo e aos jornalistas se situarem no espaço e no texto. Ele nasceu a partir da leitura de Adelmo Genro Filho, pesquisador e professor brasileiro criador de uma teoria marxista do jornalismo, e da obra de Henri Lefebvre, ambas enlaçadas em minha tese sobre o espaço no jornalismo (ABREU, 2019). O enlace deixou uma ponta solta aqui explorada, a ideia de o método regressivo-progressivo de Lefebvre contribuir para a construção de um método na reportagem capaz de alcançar, de forma crítica, as temporalidades e espacialidades com as quais os jornalistas lidam na cobertura jornalística do e no espaço.

O espaço é aqui pensado a partir da proposição-chave de Lefebvre, para quem o espaço (social) é um produto (social). Cada sociedade produz seu espaço no processo histórico da produção social, e assim o espaço e o tempo são históricos. O espaço é a inscrição no mundo de um tempo (LEFEBVRE, 1978, p. 211). Ele serve tanto de instrumento do pensamento como da ação e, simultaneamente, constitui um meio de produção, um meio de controle e, em consequência, um meio de dominação e de poder (LEFEBVRE, 2013, p. 86): “Em consequência, esse meio de produção, produzido como tal, não pode ser separado das forças produtivas, incluindo a técnica e o conhecimento, nem separado da divisão social do trabalho, que o modela, nem da natureza, nem do Estado e as superestruturas da sociedade” (LEFEBVRE, 2013, p. 141).

Sem desconsiderar a totalidade e complexidade da obra de Lefebvre sobre a produção do espaço, o urbano e a cidade, toma-se aqui o espaço como essa realidade sócio-espaço-temporal onde o jornalista se movimenta na vida cotidiana para produzir o conhecimento próprio do jornalismo.

Lefebvre desenvolve o método regressivo-progressivo em dois artigos, publicados em 1949 e em 1953, para refletir sobre a realidade social do mundo rural francês nos anos 40 e 50 do século XX, tendo elaborado tese doutoral em sociologia rural sobre uma aldeia nos Pirineus franceses. No artigo de 1953, ele afirma que a realidade camponesa tem uma dupla complexidade: *horizontal* – nas formações e estruturas agrárias da mesma época histórica manifestam-se diferenças essenciais – e *vertical* ou *histórica* – a coexistência de formações de épocas e datas diferentes. As duas complexidades, afirma o autor, “(...) entrecruzam-se, recortam-se e agem uma sobre a outra. De onde um emaranhado de fatos, que apenas uma boa *metodologia* pode desembaraçar” (LEFEBVRE, 1986b, p. 166, com grifo no original).

O método que Lefebvre propõe corresponde a três momentos da pesquisa. O primeiro é o momento *descritivo*, que é de observação munida da experiência ou de uma teoria geral, em que o pesquisador, no local da pesquisa, utiliza técnicas como entrevistas, questionários, estatísticas, compondo uma observação participante. O segundo é o momento *analítico-regressivo*, em que se dá a análise da realidade descrita para datá-la com precisão. O terceiro é o *histórico-genético*, com o estudo das modificações da estrutura previamente datada, causadas pelo desenvolvimento ulterior interno ou externo e por sua subordinação às estruturas do conjunto, esforço, diz Lefebvre, “(...) para retornar ao atual anteriormente descrito para reencontrar o presente, porém elucidado, compreendido: *explicado*” (LEFEBVRE, 1986b, p. 173, com grifo no original).

Essa construção teórica de Lefebvre aparece do reencontro, em Marx, da noção de formação econômico-social e da indicação de que “(...) as relações sociais não são

uniformes nem têm a mesma idade”, e que na realidade “coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro”, conforme Martins (1996, p. 99-100). No centro deste reencontro, afirma Martins, está o método dialético, que combina os momentos do método de investigação e do método de explicação, sintetizando um modo de pensar e uma prática, isto é, “(...) um projeto na práxis que define o trajeto de uma vida” (MARTINS, 1996, p. 98).

Martins afirma que, na dupla complexidade da vida social, a complexidade horizontal pode e deve ser reconhecida na descrição do visível a partir de um olhar teoricamente informado e, na complexidade vertical, o esforço é para analisar, decompor e datar a realidade, de “(...) modo que no vivido se faz de fato a combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas” (MARTINS, 1996, p. 105).

O método regressivo-progressivo está relacionado à teoria da formação social do espaço de Lefebvre (2013), que identifica três momentos da produção do espaço: a material (o espaço percebido), a de conhecimento (o espaço concebido) e a de significados (o espaço vivido). Com o método de Lefebvre, afirma Martins, “(...) é possível descobrir que as contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais” (MARTINS, 1996, p. 106). Ao contrário, afirma o autor, nelas é possível descobrir contradições não resolvidas, alternativas não consumadas, necessidades insuficientemente atendidas, virtualidades não realizadas, porque “(...) é o desencontro das temporalidades dessas relações que faz de uma relação social em oposição a outra a indicação de que um possível está adiante do real e realizado (MARTINS, 1996, p. 106).

Martins afirma que o método de Lefebvre implica o domínio de disciplinas como a sociologia, a antropologia, a história, a economia, a geografia, a estatística etc, para a reconstituição da realidade não ser prisioneira da impossibilidade de datação de seus diferentes componentes e do pressuposto da homogeneidade do tempo de data única (MARTINS, 1996, p. 105).

No caminho para fazer a mediação entre o método de Lefebvre e a teoria e prática jornalísticas, um indicador foi o artigo da professora e pesquisadora Fraya Frehse intitulado “Potencialidades do método regressivo-progressivo: Pensar a cidade, pensar a história” (2001). Nele, a autora explora como o desencontro de temporalidades ligadas ao tradicional e ao moderno concorre para a dinâmica de urbanização na cidade de São Paulo (Brasil) no último quartel do século XIX. A base da pesquisa são três jornais diários paulistanos da época. É nos discursos jornalísticos que a autora encontra a possibilidade de perceber a relação entre tempo histórico, espaço e vida cotidiana naquela realidade histórica.

No jornalismo, a mediação se ancora na teoria marxista de jornalismo de Adelmo Genro Filho (1989), que compreende o conhecimento como práxis – uma atividade de mútua produção entre sujeito e objeto – e a realidade social como totalidade. Para construir sua teoria do jornalismo, Genro Filho se alicerça nas categorias filosóficas do singular, particular e universal erigidas por G. Hegel e usadas na teoria de G. Lukács sobre a arte. Sustentando-se nesses autores, Genro Filho acentua que existe uma relação dialética entre as três categorias (singular, particular e universal). Cada um dos conceitos expressa as diferentes dimensões que compõem a realidade e, ao mesmo tempo, compreende em si as demais.

O aparecimento histórico do jornalismo, para o autor, “[...] implica uma modalidade de conhecimento social que, a partir de um movimento lógico oposto ao movimento que anima a ciência, constrói-se deliberada e conscientemente na direção do singular” (GENRO FILHO, 1989, p. 160). Em termos mais concretos, o aspecto central do jornalismo como gênero de conhecimento é “(...) a apropriação do real pela via da *singularidade*, ou seja, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica” (GENRO FILHO, 1989, p. 58, com grifo no original).

Um aspecto fundamental da teoria de Genro Filho é a relação que ela tem com a emergência do novo e a possibilidade que o jornalismo tem de apreendê-lo na

linguagem articulando fatos singulares (únicos, irrepetíveis) às dimensões filosóficas do particular e do universal, aspirando à totalidade. Na discussão sobre os fenômenos e acontecimentos que povoam o cotidiano, o autor ressalta que ambos "(...) precisam ser percebidos como processos incompletos que se articulam e se superpõem para que possamos manter uma determinada 'abertura de sentido' em relação a sua significação" (GENRO FILHO, 1989, p. 36). No jornalismo, isso implica perceber o novo na vida social e estar atento à sua irrupção na vida cotidiana.

Resumidamente, a teoria do autor refere-se ao jornalismo informativo e à sua unidade básica de significação, a *notícia*, e subverte a mais conhecida técnica de construção noticiosa, a chamada pirâmide invertida. A formulação desta técnica é que a notícia caminha do mais importante para o menos importante. O mais importante aparece na resposta a seis perguntas: quem? o quê? onde? quando? como? por quê? As respostas devem estar preferencialmente no *lead*, nome dado ao primeiro parágrafo da notícia.

Genro Filho toma o *lead* como "momento agudo, síntese evocativa da singularidade" (GENRO FILHO, 1989, p. 191), mas sob outro ângulo epistemológico. A notícia, na teoria de Genro Filho, não caminha do mais para o menos importante (da base para o cume da pirâmide), e sim do singular para o particular (do cume para a base). O *lead* fornece o epicentro que representa a reprodução sintética da singularidade da experiência individual, reproduzindo o fenômeno em sua manifestação empírica. Segundo o autor, não se trata, necessariamente, de relatar os fatos mais importantes seguidos dos menos importantes, e sim de um único fato "(...) tomado numa singularidade decrescente, isto é, com seus elementos constitutivos organizados nessa ordem, tal como acontece com a percepção individual na vivência imediata" (GENRO FILHO, 1989, p. 196).

Genro Filho afirma que, na *reportagem*, a particularidade, enquanto categoria epistemológica, assume uma relativa autonomia ao invés de ser apenas um contexto de significação do singular, epicentro da *notícia*: "A reportagem não nega a preponderância da singularidade no jornalismo em geral, mas implica um gênero no qual se eleva do singular uma particularidade relativamente autônoma que coexiste com ele" (GENRO FILHO, 1989, p. 199). Porém, para o presente ensaio, interessa reter, do autor, a ideia de que não basta, no processo de mediação jornalística, limitar-se a ininterruptamente noticiar fatos sem inseri-los na totalidade dos fenômenos dos quais fazem parte e que os explicam. Na obra de Lefebvre, a totalidade é definida como "(...) unidade e multiplicidade inextricavelmente ligadas, constituindo um conjunto ou um todo" (LEFEBVRE, 2011, p. 106).

A totalidade, afirma Lefebvre, abarca a natureza e seu devenir, o homem e sua história, sua consciência, ideias e ideologias: "Ela se determina como 'esfera de esferas', totalidade infinita de totalidades cambiantes, parciais, implicando-se reciprocamente em profundidade, nos e pelos conflitos mesmos" (LEFEBVRE, 2011, p. 121). No limite, acrescenta, a totalidade do conhecimento coincidiria com a totalidade do universo (LEFEBVRE, 2011, p. 121).

Outro autor no qual busco a mediação entre o método de Lefebvre e a prática do jornalismo é Marcos Faerman, jornalista brasileiro, repórter, editor, administrador cultural e professor. Ele viveu grande parte de sua trajetória profissional durante a ditadura militar que tomou o Brasil em 1964, e participou, como criador, editor e repórter, de importantes publicações da imprensa alternativa, um extraordinário espaço de resistência ao regime autoritário. Escreveu mais de 800 reportagens para o *Jornal da Tarde* durante 24 anos, parte delas reunida em um de seus livros, intitulado "Com as mãos sujas de sangue" (1979). Faerman conseguiu trazer para o jornalismo que praticava um movimento, comum a outras artes, que Lefebvre nomeia ato poético, prática criadora, inclusive por sua capacidade de ver esse mesmo movimento no outro, nas vidas sobre as quais falava em seus textos.

Em artigo sobre a história da reportagem, Faerman cita o jornalista argentino Rodolfo Walsh, com o qual concorda ao afirmar que cabe ao repórter a "reconstrução

dos fatos” (FAERMAN, 1981, p. 4). Ele menciona a necessidade de um olhar “vertical” e “horizontal” sobre a reportagem e critica o jornalismo e o repórter brasileiro, que é “pragmático e empírico”, preso a dogmas e discursos incapazes de compreender a complexidade do real (FAERMAN, 1981, p. 4). Para Faerman, o ofício de repórter implica envolvimento com realidades muito complexas, exigindo, ainda que não seja fácil, o saber essencial de muitas ciências (FAERMAN, 1981, p. 10).

A partir desse conjunto de autores, vejo o método regressivo-progressivo de Lefebvre capaz de constituir um método de reportagem a serviço do jornalismo efetivamente comprometido com a emancipação humana e a transformação social. O repórter vai ao “local” da reportagem munido de uma teoria geral, uma determinada concepção sobre a sociedade, sobre a luta de classes e a história (GENRO FILHO, 1989, p. 163), assim como de um saber e um fazer específicos do jornalismo. Entre eles está a apuração, nome dado ao conjunto de práticas e procedimentos usados pelos jornalistas para captar e checar informações e compor a matéria jornalística (SILVA, p. 31). O repórter observa, faz entrevistas, pesquisa, confronta dados. É o momento de descrição do visível. No segundo momento, o *analítico-regressivo*, ele analisa a complexidade vertical da realidade descrita, buscando compreender a historicidade dos processos sociais observados, onde coexistem relações sociais que têm datas desiguais. No terceiro momento, o *histórico-genético*, ele combina coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas (MARTINS, 1996, p. 105). Com isso, reencontra o presente, o vivido, devidamente elucidado, explicado, assim reconstruindo o fato no texto.

Diferentemente do que ocorre em uma pesquisa acadêmica, mais longa em tempo e apresentação de resultados, na reportagem os três momentos se entrelaçam em um fazer de dias ou semanas, exigindo do jornalista, como dizia Marcos Faerman, o domínio do saber essencial de muitas disciplinas. O fato é que o repórter, assim como o pesquisador, também combina os momentos do método marxiano de investigação e de explicação em sua própria práxis.

Um exemplo desse movimento aparece em uma reportagem de 46 parágrafos curtos publicada na *BBC News Brasil* em 22 de setembro de 2023 e intitulada “Balneário Camboriú: avaliada em milhões, última casinha de madeira de praia será demolida”. Nela, a repórter discorre sobre a especulação imobiliária na cidade com o metro quadrado mais caro do Brasil a partir de um fato singular descrito no *lead*: “De frente para o mar, pintada de branca e com detalhes vermelhos, é possível avistar a última ‘cacinha da avenida Atlântica’” (PORSCH, 22 set. 2023). A descrição da casa e da cidade é acompanhada por entrevistas que explicam as arquiteturas locais ao longo da história, os motivos da valorização imobiliária, as consequências sociais e ambientais e a resistência dos moradores para que outras praias não sigam o mesmo caminho. Com isso, a reportagem sobre a casinha que sobrevive em meio aos prédios que estão entre os maiores do mundo explicita uma realidade social onde convivem diferentes temporalidades, datadas e historicizadas pela repórter, a serviço da explicação do *boom* imobiliário do litoral de Santa Catarina.

Assim como este, outros exemplos mostram que refletir sobre o método regressivo-progressivo na construção da reportagem implica questionar a formação proporcionada pelos cursos de jornalismo. Lefebvre criticava as ciências parcelares por fragmentarem os fatos do cotidiano, e o ensino do jornalismo muitas vezes faz o mesmo ao se concentrar mais no ensino de técnicas e menos na compreensão crítica da realidade. Do mesmo modo, a presença do repórter no espaço vivido, na cidade viva, na rua, com seu corpo e seus sentidos, é cada vez mais rara diante do uso abusivo de tecnologias de informação e comunicação.

Lefebvre diz que é pela e através da linguagem que a ideologia entra nas consciências e as modela, e de nada adiantam os anseios de mudar a vida, mudar a cidade, se não houver a produção de um novo espaço e também de uma nova linguagem. Essa possibilidade se dá no e pelo espaço vivido, pelo mergulho do jornalismo na vida cotidiana, dela trazendo as práticas e falas criadoras, os fazeres

humanos, a práxis inventiva de que falava Lefebvre. Ele dizia que tirar a máscara das coisas para revelar as relações sociais foi a grande conquista de Marx, a contribuição do pensamento marxista (2013, p. 137). Afirmamos que deve, também, fazer parte da teoria e da prática jornalísticas a partir de seu mergulho no espaço vivido, movimento ao qual o método regressivo-progressivo tem muito a contribuir.

## **Bibliografia**

Abreu, M. S. de. (2019). *Espaço e cotidiano no jornalismo: crítica da cobertura da imprensa sobre ocupações urbanas em Florianópolis*. (Tese de Doutorado). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC). Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PJOR0134-T.pdf> . Acesso em: 30 nov. 2023.

Faerman, M. (1979). *Com as mãos sujas de sangue*. São Paulo: Global Editora.

Faerman, M. (1981). *História da reportagem*. Texto não publicado escrito provavelmente em 1981 para um curso de 2 dias em uma Faculdade de Jornalismo de Minas Gerais e que o autor pretendia que se tornasse um livro.

Frehse, F. (2001). Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história. *Tempo Social*, 13(2), 169-184.

Genro Filho, A. (1989). *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*, Porto Alegre: Tchê.

Lefebvre, H. (1978). *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península.

Lefebvre, H. (1986a). Problemas de sociologia rural. 1ª edição 1949. In: Martins, J. de S. (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo, Hucitec, p. 144-162.

Lefebvre, H. (1986b). Perspectivas de sociologia rural. 1ª edição 1953. In: Martins, J. de S. (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo, Hucitec, p. 163-177.

Lefebvre, H. (2011). La noción de totalidad en las ciencias sociales. *Telos*. v. 13, n. 1: enero-abril, pp. 105-124.

Lefebvre, H. (2013). *La producción del espacio*. Espanha: Capitán Swing, 2013.

Martins, J. de S. (1996). As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: Martins, J. de S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo, Hucitec, p. 13-23.

Marx, Karl. (2011) O método da economia política (Introdução). In: Marx, K. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo.

Porsch, T.(2023). Balneário Camboriú: avaliada em milhões, última casinha de madeira de praia será demolida. *BBC News Brasil*, 22 set. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c88j218nzmgo> . Acesso em: 30 nov. 2023.

Silva, T. (2022). Os atos de escolha na apuração jornalística. In: Silva, G.; Vogel, D.; Silva, T. *Apuração, redação e edição jornalística*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 31-41.